



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ESCAVANDO CORPOS: UMA PANORÂMICA SOBRE AS  
ABORDAGENS DO CORPO HUMANO PELA ARQUEOLOGIA  
(2002-2012)\***

Clarita Maria de Godoy Ferro\*\*

Aline Vieira de Carvalho (Orientadora)\*\*\*

Nas últimas décadas do século XX, grandes mudanças epistemológicas e, por consequência, políticas e sociais interferiram nos estudos arqueológicos (Funari, 2013). Novos caminhos na teoria e crítica arqueológicas permitiram que questões como “O que é arqueologia e o que estuda?” tivessem suas respostas distendidas e multiplexadas. Como disciplina institucionalizada, a ciência arqueológica foi gerada no seio do Imperialismo do século XIX, sendo ela resultado dos interesses do desenvolvimento industrial, da acumulação de capital e da expansão colonial (Johnson, 2000:208 apud Hinsley, 1989:79-80). Dessa forma, por muito tempo a arqueologia esteve “(...) ligada às mais reacionárias e conservadoras posições sociais e políticas, a serviço, muitas vezes, da opressão de indígenas, mulheres, pobres, minorias diversas e mesmo maiorias variadas.” (Funari, 2013). No entanto, recentemente, o estudo da cultura material não deixou de responder

---

\* Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, entre agosto de 2013 e julho de 2014.

\*\* Graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas.

\*\*\* Pesquisadora no Núcleo de Pesquisas Ambientais – NEPAM/Unicamp.

às demandas dos novos movimentos sociais, movidos, em sua maioria, pela luta contra o colonialismo, pela igualdade de gênero e étnica, pela democracia, entre tantas outras.

Esse novo cenário permitiu que a tradicional noção de arqueologia como o “estudo das coisas antigas, da origem e história antigas”<sup>1</sup> fosse ampliado, abrangendo também o estudo das relações de poder a partir das coisas, o estudo a partir de “(...) parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico.” (Funari, 2010:15). Não negamos que existam várias outras definições de arqueologia, diferentes da apresentada, pelo contrário, apenas apontamos que o recente cenário sociopolítico permitiu pensar a arqueologia para além do escavar buracos e recuperar objetos antigos. Nesta pesquisa, compartilhamos da noção de arqueologia apresentada pelo arqueólogo Paulo Bava de Camargo. Para ele,

Cultura material significa qualquer objeto feito ou apropriado pelo ser humano. Eles não precisam ser nem antigos, nem quebrados e nem estar enterrados. O resultado do estudo desses objetos e de seus contextos (quem os fez, com qual material, com qual técnica, quem os usou, para que, quando, quem os jogou fora, quem os encontrou, etc) é a melhor compreensão da sociedade a qual eles estavam ou estão ligados. Nesse sentido, a arqueologia faz a mesma coisa que a história, a antropologia, a geografia, a economia, etc., só que a partir de coisas e o resultado é uma história contada a partir da investigação arqueológica. (Camargo, 2004)

Quando, então, consideramos a arqueologia como campo de estudo de tudo que em termos materiais se refere às relações humanas (Funari, 2010: 18), outros objetos, sem serem os antigos, quebrados e/ou enterrados, surgem, ganham maior interesse e/ou novas abordagens, como é o caso do corpo humano. Foi apenas recentemente que o corpo passou a protagonizar pesquisas em arqueologia, apesar de há muito já ter tido tal destaque nas humanidades e ciências sociais em geral<sup>2</sup>. A partir disso, perguntamo-nos:

<sup>1</sup> Houaiss, A. e Villar, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 293.

<sup>2</sup> “The body has been a topic of considerable debate and discussion in the humanities and social sciences under the influence of major theoreticians such as Foucault, Merleau-Ponty, Bourdieu, Douglas and Butler. Recent years have seen a proliferation of studies (e.g. Blacking 1977, Brown 1988, Burkitt 1999, Bynum 1995a, 1995b, Coakley 1997, Csordas 1994, Grosz 1994, Falk 1994, Featherstone *et al.* 1989, Howes 1991, Laqueur 1990, Lambek and Strathern 1998, Lupton 1996, Martin 1995, Shilling 1993, Rodaway 1994, Turner 1984, Thapan 1997, Weiss and Haber 1999; see also the recently established journal *Body and Society*), but the topic has only relatively recently entered archaeology (e.g. Hamilakis 1999, Joyce 1998, Kus 1992, Lucas 1996, Marcus 1993, Meskell 1996, Monseratt 1998a, Rautman 2000, Tarlow 2000, Thomas 2000, Treherne 1995, Yates 1993). (Hamilakis; Pluciennik; Tarlow, 2002:1).

Quais tipos de leituras e apropriações estão sendo feitas? Como o corpo vem acontecendo na última década dentro da arqueologia? Considerando a distensão do conceito de arqueologia, quais novas possibilidades de estudo do corpo poderiam surgir?

### **METODOLOGIA E OBJETOS DE ESTUDO**

Para pensarmos essas perguntas, optamos por realizar uma revisão sistemática da literatura científica produzida nos últimos dez anos, no caso, encerrando o período de 2002 a 2012. Para isso, escolhemos a revista *Archaeologies*, do *Congresso Mundial de Arqueologia* (WAC, em sua sigla em inglês) e a *Revista de Arqueologia*, da *Sociedade de Arqueologia Brasileira* (SAB). A *Archaeologies* e a *Revista de Arqueologia* foram escolhidas por serem periódicos de grande relevância científica, esta apresentada pelo número de pesquisadores associados e pelos frequentes congressos organizados; por representarem pesquisas elaboradas nos planos nacional e internacional e por serem organizados por associações civis de caráter científico. No que se refere à metodologia usada para a seleção dos artigos em discussão direta com a temática do corpo humano, procuramos no corpo textual de cada artigo publicado as palavras-chave “arqueologia”, “corpo”. “gênero”, “feminismo”, “teoria queer”, “homem”, “mulher”, “masculino”, “feminino”, “sepultamento”, “remanescentes humanos”, “prática funerária”, “ossos”, “indivíduo”, “organismo”, “anatomia” e “humano”<sup>3</sup>.

Após selecionados, analisamos os artigos a partir das seguintes questões:

- Com qual frequência encontramos estudos que têm o corpo como seu objeto de análise?
- Em quais regiões do Brasil e do mundo esses estudos são predominantes?
- Que tipo de temática a análise do corpo nos recentes estudos de arqueologia está envolvida?

---

“The body – as metaphor for society, as instrument of lived experience, and as surface of inscription – has come to occupy a central place in contemporary social theory. Archaeology, although coming late to this topic, has begun to make critical contributions to writing about the body.” (Joyce, 2005:140).

<sup>3</sup> Nos textos em língua inglesa, os vocábulos foram: “gender”, “feminism”, “queer theory”, “man”, “woman”, “male”, “female”, “inhumate”, “burial”, “human remain”, “funerary”, “bones”, “individual”, “organism”, “anatomy” e “human”.

- Entre os pesquisadores responsáveis por cada artigo, quais são os interesses de pesquisa mais recorrentes?
- Qual é o período temporal em que a análise do corpo se deu nesses artigos?

### ANÁLISES E RESULTADOS

Após a escolha das revistas e da metodologia a ser usada para a seleção dos artigos, chegamos ao seguinte resultado: ao todo, de 146 publicações estendidas em 11 anos de veiculação da *Revista de Arqueologia*, 17 foram selecionadas. Enquanto na *Archaeologies*, de 209 estudos publicados em 8 anos de veiculação, 23 foram selecionados. Se transformados em porcentagens, esses resultados mostram que os estudos selecionados na *Revista de Arqueologia* representam por volta de 11,64% do seu total, ao passo que na *Archaeologies*, encontramos um resultado bem próximo, 11% dos estudos foram selecionados. A partir desse conjunto de trabalhos, criamos formas de responder às questões a seguir:

- Em quais regiões do Brasil e do mundo esses estudos são predominantes?

Para responder a essa pergunta, contamos com informações sobre os autores dos artigos, localizadas muitas vezes em notas de rodapé da própria publicação. Nelas, havia a formação acadêmica do pesquisador, o nome do centro de pesquisa ao qual pertence e a cidade e estado onde o mesmo se localiza<sup>4</sup>. Com isso, chegamos aos números de 86,6% dos autores-pesquisadores são do Sudeste do Brasil, na *Revista de Arqueologia*, enquanto na *Archaeologies*, 67,7%, são dos EUA.

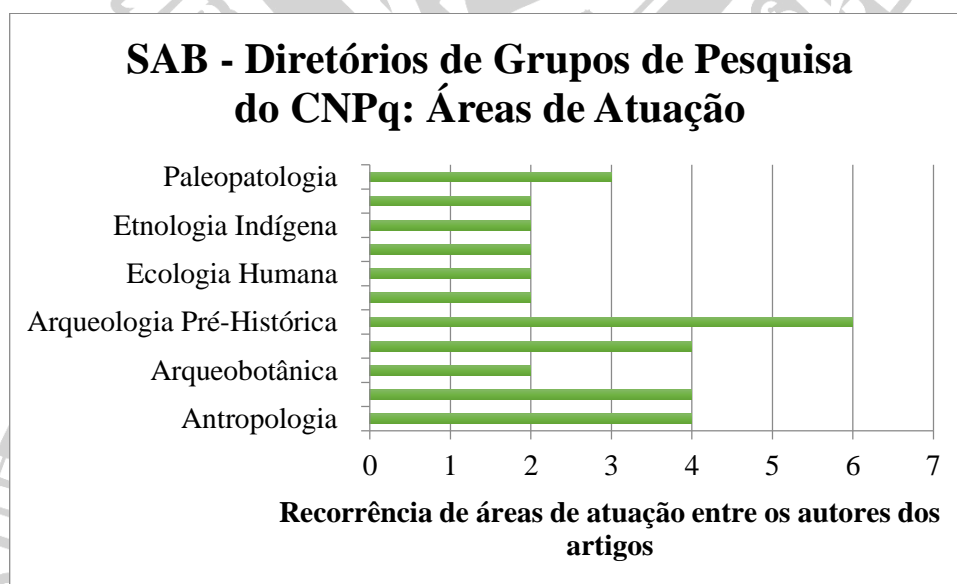
- Que tipo de temática a análise do corpo nos recentes estudos de arqueologia está envolvida?

Na *Revista de Arqueologia*, as palavras-chave Arte Rupestre, Bioarqueologia, Gênero, Paleopatologia e Sambaqui tiveram recorrência igual ou superior a dois, enquanto na *Archaeologies*, o mesmo aconteceu com as palavras Androcentrism, Feminist Archaeology, Forensic Archaeology, Gender, Identity e Mass Graves.

<sup>4</sup> Em alguns artigos, essas informações não estavam diretamente indicadas, mas, no caso de artigos baseados em dissertações e teses, por exemplo, o autor indicava o local de produção da mesma. Esta localidade, então, foi a que usamos para levantar os números do gráfico.

- Pesquisadores, ao longo de sua carreira, de certo modo, dão maior ênfase a determinados temas de pesquisa. Nos pesquisadores-autores dos artigos selecionados, quais temáticas são mais frequentes?

No caso dos autores dos artigos da *Revista de Arqueologia*, utilizamos como base de dados as informações cadastradas pelos próprios pesquisadores na Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)<sup>5</sup>. Através do currículo Lattes<sup>6</sup>, pudemos ter acesso ao “Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq”, o qual disponibiliza as “Áreas de Atuação” do pesquisador e os “Grupos de Pesquisa” que ele compõe. Todas as informações são cadastradas pelo próprio pesquisador, o que permite que tenhamos uma panorâmica dos temas de estudo mais frequentes adotados pelos autores dos artigos selecionados. Abaixo, encontra-se o gráfico referente às “Áreas de Atuação” que tiveram uma ocorrência igual ou superior a dois<sup>7</sup>.



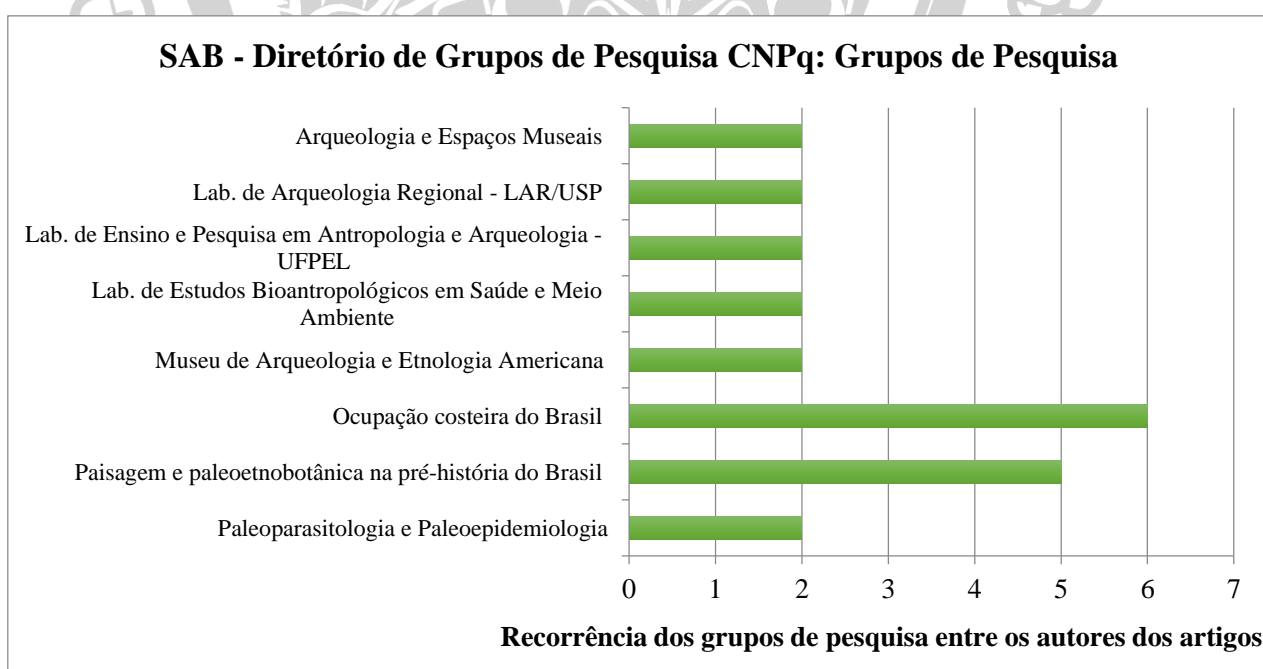
<sup>5</sup> Os dados foram todos recolhidos em julho de 2014.

<sup>6</sup> Apenas as informações de cinco pesquisadoras não foram incluídas nesses gráficos, pois em seu currículo não havia informações suficientes ou sua associação a um grupo de pesquisa ou à uma área de atuação não era direta

<sup>7</sup> Do mesmo modo que ocorreu com os gráficos “SAB – Regiões de origem” e “WAC – Países de origem”, os gráficos a seguir sobre áreas de atuação e grupos de pesquisa não terão como resultado da soma dos números do eixo horizontal a totalidade de pesquisadores envolvidos nesse levantamento. Esses números indicam quantas vezes, por exemplo, o termo “Arqueologia Pré-Histórica”, foi indicado pelos autores dos artigos como sua área de atuação. O mesmo aconteceu com o gráfico sobre grupos de pesquisa.

Com o gráfico, constatamos que a área de atuação “Arqueologia Pré-Histórica”, seguida de “Arqueobotânica” e “Antropologia” são as mais frequentes entre os pesquisadores. Entretanto, vale esclarecer que as áreas de atuação elencadas no gráfico não são as únicas a serem apontadas pelos pesquisadores, ao contrário, houve outra porção delas que não foi incluída no gráfico por apenas terem sido indicadas por um pesquisador.

Abaixo, segue o gráfico referente aos Grupos de Pesquisa em que os autores mais estão associados:



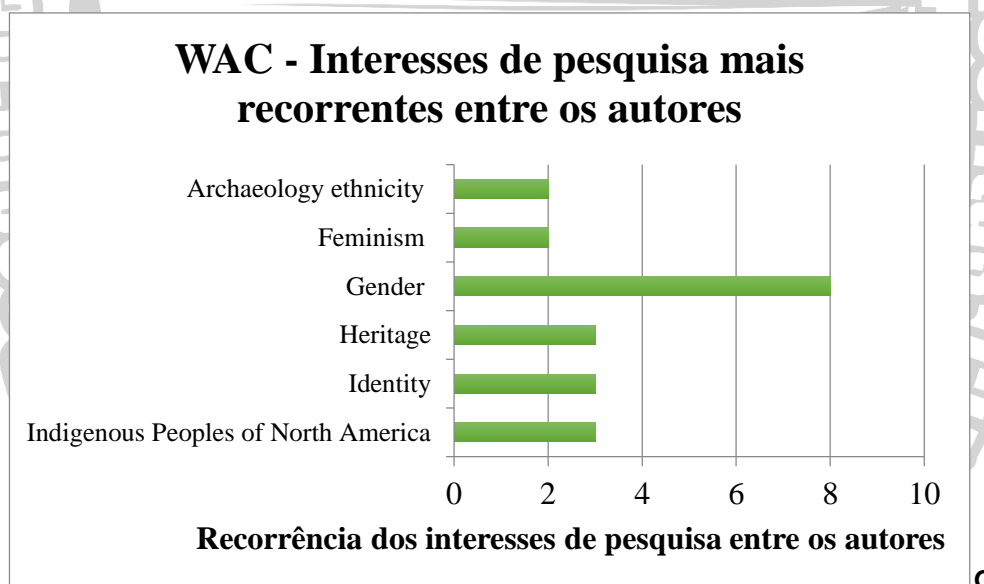
O gráfico acima foi elaborado seguindo os mesmos métodos do anterior. Nele, é possível ver que, entre os pesquisadores, os grupos “ocupação costeira no Brasil” e “Paisagem e paleobotânica na pré-história do Brasil” são os que os autores dos artigos em análise mais estão vinculados.

No caso dos autores dos artigos da *Archaeologies*, não encontramos uma base de dados confiável, como ocorreu com os pesquisadores nacionais. Por isso, optamos por utilizar as descrições pessoais desses pesquisadores, disponíveis muitas vezes nos sites de universidades estrangeiras<sup>8-9</sup>. Essas descrições vinham acompanhadas de alguns

<sup>8</sup> De um total de 23 artigos, encontramos dados confiáveis de 15 artigos.

<sup>9</sup> Os links a seguir, por exemplo, correspondem a alguns endereços onde é possível verificar as descrições de cada autor: <https://web.stanford.edu/dept/anthropology/cgi-bin/web/?q=node/89>  
<https://pantherfile.uwm.edu/barnold/www/resume.html>

termos-chave para os interesses de pesquisa desses autores. Foi, então, com esses termos que elaboramos o gráfico abaixo:



A partir do gráfico, identificamos que “gender” é o interesse temático mais recorrente entre os pesquisadores.

- Qual é o período temporal em que a análise do corpo se deu nesses artigos?

Ao longo da leitura dos artigos selecionados, um aspecto em especial despertou nosso interesse. Em muito desses artigos as abordagens sobre o corpo humano era acompanhada por algum marcador temporal, ou seja, quando, por exemplo, restos humanos em contexto funerário eram alvo de análise, se fazia frequente sua inserção em um período de tempo específico, como na pré-história, em um século moderno ou, até mesmo, na recente invasão americana ao Iraque. Decidimos, então, elaborar um levantamento dos marcadores de temporalidade atribuídos ao corpo nessas pesquisas.

<http://anthropology.msu.edu/blog/people/norder/>

<http://www.uab.cat/web/el-departament/ermengol-gassiot-ballbe-/principals-linies-de-recerca-1345649067916.html>

<http://web.utk.edu/~anthrop/faculty/steadman.html>

<http://www.york.ac.uk/archaeology/staff/academic-staff/perry/#research>

<http://www.cuny.cuny.edu/profiles/Diana-diZerega-Wall.cfm>

<http://www.oakland.edu/socan/faculty/spencerwood>

<http://www.tema.liu.se/tema-g/medarbetare/grahn-wera?l=en>

[http://mysite.du.edu/~snelson/academic\\_bio.html](http://mysite.du.edu/~snelson/academic_bio.html)

Para isso, recorreremos aos resumos e palavras-chave dos artigos, procurando termos diretos que remetessem a que momento do tempo passado esses corpos são estudados. Constatamos, então, que Na *Revista de Arqueologia*, 95% dos textos fazem referência a períodos anteriores ao século XX, enquanto na *Archaeologies*, esse número atinge os 75%.

### **LEITURAS DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES DA PESQUISA**

Após realizarmos, então, as análises dos artigos, voltamos às questões impulsionadoras desta pesquisa: Quais tipos de leituras e apropriações estão sendo feitas? Como o corpo vem acontecendo na última década dentro da arqueologia? Considerando a distensão do conceito de arqueologia, quais novas possibilidades de estudo do corpo poderiam surgir?

Levando em conta o recorte documental escolhido para esta pesquisa<sup>10</sup>, entendemos que em ambas as revistas, a presença de publicações sobre o corpo atinge por volta de 11% do total de publicações. Os estudos publicados na *Revista de Arqueologia* tiveram a maioria de seu conteúdo classificado nos termos-chave apontados pelos próprios autores dos estudos como: “sambaqui”, “paleopatologia”, “gênero”, “bioarqueologia” e “arte rupestre”; enquanto na *Archaeologies*, foram os termos-chave “androcentrism”, “feminist theory”, “forensic archaeology”, “gender”, “identity” e “mass graves”. Sobre os autores dos estudos, na *Revista de Arqueologia*, eles são predominante na região Sudeste do Brasil e, em sua maioria, consideram-se mais atuantes nas áreas de paleopatologia, etnologia indígena, ecologia humana, arqueologia pré-histórica, arqueobotânica e antropologia. Além de haver um predomínio significativo de suas associações a grupos de pesquisa sobre a ocupação costeira do Brasil e sobre a paisagem e a paleobotânica na pré-história do Brasil. Enquanto na *Archaeologies*, os pesquisadores analisados se concentram, em sua maioria, nos Estados Unidos e têm um interesse frequente em áreas de pesquisa como *archaeology of ethnicity*, *feminism*, *gender*, *heritage*, *identity and indigenous peoples of North America*.

<sup>10</sup> É importante destacar que os resultados obtidos com as análises não representam de forma alguma uma totalidade, um horizonte exato e fixo do atual cenário arqueológico sobre os estudos do corpo. O objetivo desta pesquisa foi a elaboração um panorama geral, mas limitado - como tudo o que envolve recortes documentais -, que pode contribuir para se pensar novas questões sobre a arqueologia do corpo.



Foi pensando nas novas possibilidades de estudo do corpo a partir das recentes distensões do conceito de arqueologia que, no decorrer das leituras e análises dos textos selecionados, passamos a notar que ainda são predominantes os estudos que abordam o corpo humano em um passado distante. Esse aspecto foi notado a partir da porcentagem dos marcadores de temporalidade do corpo, nos quais percebemos que 95% dos textos da *Revista de Arqueologia* fazem referência a períodos anteriores ao século XX, para 75% dos textos da *Archaeologies*. No caso da *Revista de Arqueologia*, esses números só são reforçados se voltarmos, principalmente, aos gráficos *SAB – Diretórios de Grupos de Pesquisa do CNPq: Áreas de Atuação* e *SAB – Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: Grupos de Pesquisa*. No primeiro, vê-se o significativo predomínio da arqueologia pré-histórica como área de atuação dos pesquisadores, enquanto no segundo, paisagem e paleoetnobotânica na pré-história do Brasil como o segundo grupo de pesquisa mais frequente entre os pesquisadores. Na *Achaeologies*, os gráficos não apresentam resultados tão incisivos quanto os vistos na *Revista de Arqueologia*, mas já deve ser considerada a alta porcentagem de termos que fazem referência a períodos anteriores ao século XX.

Se retomarmos a citação de Paulo Bava de Camargo, - “Cultura material significa qualquer objeto feito ou apropriado pelo ser humano. Eles não precisam ser nem antigos, nem quebrados e nem estar enterrados.” -, concluímos que não necessariamente os estudos arqueológicos devem se portar ao antigo, ao distante, por exemplo. As novas possibilidades oferecidas por esse tipo de conceituação de arqueologia permitem não só o desapego a tradicionais objetos, como ruínas, cerâmicas ou líticos, mas também permitem o desapego ao estudo exclusivo do antigo. Terminamos, então, esta pesquisa nos perguntando: Existem pesquisas arqueológicas sobre os usos e significados do corpo do indivíduo contemporâneo? Se não, o que inibe a produção de tais estudos?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blacking, J. (ed.). *The Anthropology of the Body*. London: Academic Press, 1977.

Brown, P. *The Body and Society: Men, Women and Sexual Renunciation in Early Christianity*. New York: Columbia University Press, 1988.

Brumfiel, E. M. Breaking and entering the ecosystem – gender, class, and factional steal the show. In: *Am. Anthropol.* 85:261-84, 1992.

- Bueno, L. Editorial. *In: Revista de Arqueologia*. Vol. 23, n. 01, jul/2010
- Bynum, C. W. *The Resurrection of the Body in Western Christianity, 200 – 1336*, New York, Columbia University Press, 1995a.
- Bynum, C. W. Why all the fuss about the body? A Medievalist's perspective. *In: Critical Inquiry*, 22: 1 - 33, 1995b.
- Camargo, P.B. Vaporização do passado. *In: História e-História*, 2004. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=reportagens&ID=3>. Acesso em: 29/07/2014.
- Coakley, S. (ed.). *Religion and the Body*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Csordas, T. (ed.). *Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Falk, P. *The Consuming Body*. London: Sage, 1994.
- Featherstone, M.; Hepworth, M and B. S. Turner (eds.). *The Body: Social Process and Cultural Theory*. London: Sage, 1991.
- Funari, P. P. A. *Arqueologia*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- Funari, P.P.A. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. *In: Ciência e Cultura*, vol. 65, n. 2, São Paulo, abr/jun 2013.
- Gaspar, M. D.; Souza, S. M. F. Mendonça de. A Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB: Perspectivas da maioria. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, agosto/2000. Disponível em: [http://www.sabnet.com.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=624](http://www.sabnet.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=624). Acesso em: 20/01/2014.
- Gero, J. *The history of World Archaeological Congress*. American Anthropological Association Meeting, 1999. Disponível em: <http://www.worldarchaeologicalcongress.org/about-wac/history/146-history-wac>. Acesso em: 20/01/2014.
- Grosz, E. *Volatile Bodies: Towards a Corporeal Feminism*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1994.
- Hamilakis, Y. Food technologies/technologies of the body: the social context of wine and oil production and consumption in Bronze Age Crete. *In: World Archaeology*, 31(1): 38-54, 1999.
- Hamilakis, Y.; Pluciennik, M. and Tarlow, S. *Thinking through the Body: Archaeologies of Corporeality*. Kluwer Academic/Plenum Publishers: New York, 2002.
- Hinsley, C.M. Revising and Revisioning the History of Archaeology: Reflections on Region and Context. *In: A.L. Christeson (ed.) Tracing Archaeology's Past. The*

*Historiography of Archaeology*. Carbondale & Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1989, pp. 79-96.

Howes, D. (ed.). *The Varieties of Sensory Experience: A Sourcebook in the Anthropology of the Senses*. Toronto: University of Toronto Press, 1991.

Johnson, M. *Teoría arqueológica: una introducción*. 1ª edição, Trad. Josep Ballart, Barcelona: Editorial Ariel, 2000.

Joyce, R. Performing the body in pre-Hispanic Central America. *In: Res*, 33:147-65, 1998.

\_\_\_\_\_. Archaeology of the Body. *In: Annual Review of Anthropology*, Vol. 34, 2005, pp. 139-158.

Lacqueur, T. *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

Lambek, M and Strathern, A. (eds.). *Bodies and Persons: Comparative Studies from Africa and Melanesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Lucas, G. Of death and debt: a history of the body in Neolithic and Early Bronze Age Yorkshire, *In: Journal of European Archaeology*, 4: 99-118, 1996.

Lupton, D. *Food, Body and Self*. London: Sage, 1996.

Marcus, M. Incorporating the body: adornment, gender, and social identity in ancient Iran, *In: Cambridge Archaeological Journal*, 392: 157-78, 1993.

Martin, E. The end of the body? *In: American Ethnologist*, 19(I): 121-40, 1992.

Meskell, L. The somatization of archaeology: institutions, discourses, corporeality. *In: Norwegian Archaeological Review*, 29 (1): 1-16, 1996.

Molineaux, B. L.; Stone, P.G (eds). *The Presented Past: Heritage, Museums and Education*. London: Routledge, 1994.

Montseratt, D. *Changing Bodies, Changing Meanings: Studies on the Human Body in Antiquity*, London: Routledge, 1998a.

Rautman, D. (ed). *Reading the Body: Representations and Remains in the Archaeological Record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

Rodaway, P. *Sensuous Geographies: Body, Sense and Place*. London: Routledge, 1994.

Shepherd, N. From “One World Archaeology” to One World, Many Archaeologies. *In: Archaeologies*. n. 1, v. 1, august/2005.

Shilling, C. *The Body and Social Theory*, London: Sage, 1993.

Sofaer, J. R. *The Body as Material Culture: A theoretical Osteoarchaeology*. Cambridge University Press, 2006.

Tarlow, S. Emotion in archaeology. In: *Current Anthropology*, 41: 713-46, 2000.

Tega, G. Ano ímpar, ano do maior congresso de Arqueologia da América do Sul. In: *História e-História*, 2013. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=reportagens&id=32>. Acesso em: 29/07/2014

Thapan, M. (ed.). *Embodiment: Essays on Gender and Identity*. Delhi: Oxford University Press, 1997

Thomas, J. Death, identity and the body in Neolithic Britain. In: *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 6:653-68, 2000.

Treherne, P. The warrior's beauty: the masculine body and self-identity in Bronze-Age Europe. In: *Journal of European Archaeology*, 3: 105-44, 1995.

Turner, B. *The Body and Society: Explorations in Social Theory*. London: Sage, 1984.

Weiss, G. and Haber, H. F. (eds.). *Perspectives on Embodiment: The Intersections of Nature and Culture*. New York: Routledge, 1999.

Yates, T. Frameworks for an archaeology of the body. In: Tilley, C. (ed.) *Interpretative Archaeology*, pp. 31-72, Oxford: Berg, 1993.

